



ABORTO, um grito de alegrias e lutas

mariam pessah
ARTivista feminiSta, poeta escritora
E-mail: mariampessah@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9408-1918>

13 jun. 2018

O aborto se fez legal na Câmara de deputadxs, na Argentina (quase) toda e em alguns lugares do Brasil, através dos nossos gritos e pulos e abraços. Me lembro muito bem da data, pois nesse dia comemorava meus 50 anos.

8 ago. 2018

Que dia tão esperado, deusas! Agora, no Senado. Moro em Porto Alegre desde 2001 e viajei a Buenos Aires para viver essa emoção de perto. Eu que já tinha participado de manifestações, na casa dos anos 1990, quando íamos às ruas com um cartaz de *Yo aborté*, inspiradas em uma ação que tinham feito as feministas francesas.

Esta data era bem mais incerta que a anterior. Mas as compas da *Campaña por el aborto legal, seguro y gratuito* diziam: nós já ganhamos. Ganhamos porque conseguimos instalar o debate em todos os lugares: nos bares, nos lares, nas plazas, nos consultórios, nas escolas e universidades, nos mercados e até nas filas dos bancos e dos açouques. O pessoal é político. A gente via no metrô, no ônibus, uma galera com os lenços verdes pendurados em bolsas e mochilas. A gente via, ouvia e cheirava luta, uma luta tão bonita.

Finalmente chegou o dia. As nuvens, o frio e a chuva, também.

Nesse 8 de agosto foram montados quatro palcos em diferentes lugares do centro da capital, como se vê em uma das fotos.

No ano anterior, estando em Buenos Aires, fui convidada a ler em um dos festivais de rua, os *Martes verdes*. Eram terças-feiras nas quais montavam um palco do lado do Congresso, chamando a atenção para a cor verde que simboliza o lenço, que simboliza a luta pelo aborto legal. Assim nasceu



#poetasporelderechoalabortolegal. Nesses palcos havia poesia e música e discursos e tudo acabava com um *pañuelazo* (palavra que vem de *pañuelo*, lenço em espanhol). Como aparece em outra das fotos, os lenços eram levantados, gerando uma maré verde, mostrando que não é por mim, é por nós, nós-todas, nós-unidas, nós-em-luta.

Neste dia, 8 de agosto, calcula-se que houve umas 2 milhões de pessoas nas ruas.

O ponto já não era aborto sim, ou aborto não, mas: você é a favor do aborto legal ou do aborto clandestino? Porque essa é a realidade para muitas mulheridades.

Como mostra a foto *Adiós a la percha* [Adeus, cabide], o cabide é um dos símbolos da diferença social, dado que as mulheridades pobres abortam de maneira caseira, como já sabemos, arriscando a vida em muitos casos, enquanto as mais abastadas vão pagar um procedimento em melhores condições. Contudo, o aborto clandestino é arriscado em todas as classes sociais. E isso se notou na hora dos discursos, pois havia legisladoras de direita defendendo o direito ao aborto legal, seguro e gratuito. Sempre me perguntei se depois dessas movimentações e dessa conscientização que tanto nos atravessou, será que elas ainda escolhem ser de direita?

Dois milhões de pessoas nas ruas é muita gente. As ruas obviamente estavam fechadas ao trânsito e havia grupos e cartazes e expressões de arte por todas as partes. Assim é o caso das *Socorristas en Red* com a faixa: feministas que abortamos. O grupo está composto por feministas do país inteiro, mulheres, pessoas não binárias e trans masculinos e femininas envolvides na causa. E desde um tempo atrás, também estão em outros lugares do grande Abya Yala.

Também estava ARDA — coletiva artivista feminista que se reuniu numa esquina da avenida Corrientes. Como ritual, o início consistiu em ir pintando os rostos, umas às outras, com a cor verde. Todas vestindo preto e ressaltando o lenço. Mais tarde começaram as ações artivistas com letras, ritmos e direção da teatrista feminista Clodet García. A chuva chegou e mostrou a força da unidade,



da raiva, da tamanha adrenalina que implica ter um objetivo em comum. Nem a água nem o frio abalaram a luta.

Para finalizar, gostaria de chamar a atenção para o fato de que as feministas que começaram a *Campaña por el aborto legal*, umas décadas atrás, hoje, são mulheres que, no geral, estão na casa dos 60, 70 e 80 anos. E algumas delas já não estão.

Continuar uma luta que, a rigor, seria para ter a possibilidade de abortar, quem já sabemos que não vai precisar passar pelo procedimento, disso fala o feminismo. Não é por mim, é por nós-todaes. O feminismo prova que para levantar uma bandeira precisamos de consciência do coletivo.

Esse é o mais belo presente que as mais velhas podem nos deixar.

E nós, todas e todes precisamos ouvir. E continuar as lutas.









